

Jefferson Costa – *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*. São Paulo: Editora Pipoca & Nanquim, 2019

Edmar Neves da Silva* 

Não é errado voltar atrás pelo que esqueceste.

Provérbio Akan

Olhar para o passado, aprender com ele e construir o futuro a partir dessa aprendizagem. Dentro da cultura dos akan, povo oriundo da África ocidental que ocupa um vasto território que se estendem de Gana até a Costa do Marfim, há um conjunto de ideogramas conhecidos como adinkra que são tradicionalmente estampados em tecidos de algodão e utilizados em ritos fúnebres ou em cerimônias de homenagens (NASCIMENTO, 2008, p. 31). Nesse conjunto simbólico há um ideograma inspirado em aves migratórias e representado por um pássaro olhando para trás chamado sankofa. Em algumas versões esse pássaro está com um ovo ou uma semente no bico. De acordo com a filosofia akan, sankofa “significa voltar às raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade” (NASCIMENTO 2008, *apud* GLOVER, 1969). Retorno às tradições, busca pelo passado intencionalmente apagado, resgate da memória individual e/ou coletiva: é essa a base da HQ *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*, de Jefferson Costa.

Publicado pela editora Pipoca & Nanquim em 2019, a HQ narra com bastante leveza e certa poesia as lembranças e os “causos” da família de Costa, mostrando a trajetória de seus pais desde a infância humilde no sertão nordestino com suas rotinas, seus dramas, suas brincadeiras e seus planos para o futuro, até a passagem para a vida adulta que coincide com os movimentos migratórios que ocorreram durante a década de 1970. Com esse exercício de resgatar a memória de sua família e transformá-la em arte, trazendo um relato na perspectiva dos de baixo a partir da reconstituição de fragmentos de relatos de uma geração anterior a sua, Costa se inscreve no que Beatriz Sarlo chama de *memória de segunda geração*, onde uma “memória pode se tornar um discurso produzido em segundo grau, com fontes secundárias que não vêm da experiência de quem exerce essa memória, mas da escuta da voz (ou da visão das imagens) dos que nela estão implicados” (SARLO, 2007,

* Mestrando em Teoria e história literária na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: edmneves@gmail.com.

p. 92). Há inclusive momentos em que o autor debate a questão da transmissão da memória, como por exemplo, quando a personagem¹ Mãe-Velha conta para seus netos relatos dos tempos das Volantes², ou ainda, em um momento de devaneio em que a personagem Vaninha (mãe de Jefferson Costa), após cair em um açude, começa a conversar com uma versão distorcida dela sobre memórias dentro de memórias e da relação entre memória coletiva e memória individual (COSTA, 2019, p. 77 e 78).

Em relação a estrutura da narrativa, o quadrinista lança mão de uma estrutura fragmentária, misturando períodos históricos e mudando o foco narrativo constantemente, construindo, assim, um grande mosaico que remete à forma como reconstruímos nossas memórias, onde a partir de fragmentos tecemos nossa versão da história. Esse mosaico de memórias costuradas pela narrativa de Costa é representado graficamente na contracapa do livro, onde temos a representação de uma colcha de retalhos feitos com um tecido conhecido como chita, normalmente associado ao sertão nordestino brasileiro. Sertão enquanto espaço não só geográfico, mas também simbólico e político-social, surgido no período da colonização portuguesa do Brasil, que foi

Construído em oposição às áreas colonizadas, não necessariamente litorâneas, o sertão era compreendido como um espaço vasto, longínquo e de baixíssima densidade demográfica – ‘território do vazio’ onde imperava o desconhecido, a natureza selvagem e a barbárie (LIMA; VIEIRA, 2011, s.p.).

A partir do pós-independência, houve um projeto para incorporar e civilizar as áreas mais afastadas do litoral brasileiro, o que se refletiu na produção do imaginário, onde, no romantismo, houve uma exaltação da beleza natural e que começou a ser “desmistificada” principalmente a partir da denúncia contida em *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Em suma, esse espaço em que habita o *outro* e que deixou de ser uma das principais matérias primas para a produção literária brasileira contemporânea³, em *Roseira, medalha, engenho* é representado de uma maneira ética, onde o vasto espaço geográfico comumente associado aos desastres climáticos e a miséria, ganha nome (Várzea da Roça/BA, Cajuí/PE, Goiana/PE, seus engenhos e fazendas); ganha cores e vida, ao retratar a rotina das pessoas, sua labuta no trabalho com a terra, suas práticas culturais, seus amores, alegrias, anseios, sofrimentos, etc.; ganha ritmo e guião temático com a citação de ditados,

¹ Utilizo o termo “personagens”, mas talvez não seja o termo mais adequado, já que a HQ de Costa retrata os relatos de seus familiares, ou seja, os protagonistas da história são pessoas reais.

² Pequenos grupos de policiais armados que se embrenhavam no interior dos Estados do nordeste brasileiro para enfrentar grupos armados conhecidos como cangaceiros. Para saber mais sobre o tema, ler: MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. Aspecto do fenômeno do cangaço no Nordeste Brasileiro (II). Revista de História, [S. l.], v. 47, n. 95, p. 177-212, 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132041>. Acesso em: 28 jan. 2022.

³ Uma exceção é o brilhante *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado originalmente em Portugal no ano de 2019.

provérbios, cordéis e músicas das bandas Cordel do Fogo Encantado, Mestre Ambrósio e do cantor tropicalista Tom Zé; ganha raiz ao resgatar práticas e símbolos indígenas e africanos.

A secura do clima e da vida também se fazem presentes na obra, tanto na textura áspera do papel da capa do livro, como em momentos inusitados, como no diálogo entre Vaninha e sua mãe Colótide “Cotia”, em que a menina está entediada em um dia de chuva, por não poder brincar no quintal e sua mãe lhe fala sobre as agruras da seca (COSTA, 2019, p. 124-125). Inclusive a paleta de cores utilizadas nas páginas em que se passa esse diálogo é bastante interessante, já que, ao optar pelo predomínio de cores frias nestas páginas, o quadrinista nos remete ao sentimento de melancolia, o que reflete o estado de espírito das personagens naquele momento – no caso da Vaninha, por não poder brincar e no caso de Colótide a angústia, por não saber o paradeiro do marido. Outro ponto interessante da obra é a representação dos falares populares, como em alguns casos onde há a supressão de consoantes, ou em outros com a adição de vogais. Aqui destaco uma anedota⁴ contada pelo revisor da HQ, Audaci Junior, em que ele explica que teve que criar um glossário contendo os termos presentes na obra, já que o registro de oralidade em *Roseira, medalha, engenho* varia de acordo com a idade das personagens.

Ao apresentar a memória de sua família e retratar a vivência no sertão nordestino, abordando inclusive questões ligadas ao êxodo rural, Jefferson Costa não traz só um relato intimista de sua trajetória familiar, mas também um relato que resgata a vivência de milhões de pessoas que por questões de classe, gênero e raça passaram pelos mesmos processos sócio-históricos apresentados em *Roseira, medalha, engenho*. Quando fala de si e de sua família, Costa constrói a narrativa de um *eu-coletivo*, criando identificação com leitores que não se sentem tão identificados assim com o que é normalmente representado na arte hegemônica (DALCASTAGNÈ, 2005). Com esse movimento de resgate e preservação da memória através da narrativa, o quadrinista também se inscreve no que Mário Medeiros (2020) chama de agenda de preservação da memória social negra, agenda esta que disputa com a história hegemônica que tenta distorcer, difamar e até mesmo apagar a memória de milhões de pessoas.

A leitura de *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*, de Jefferson Costa, é indispensável para quem quer tomar contato com a outra história do Brasil, aquele Brasil profundo, cujo povo construiu sua trajetória com suor, sangue, lágrimas e, óbvio, com bastante resistência.

⁴ Essa anedota foi retirada da conversa que o revisor Audaci Junior teve no *podcast* Confins do Universo, nº 091 – “Revisar é preciso!”, sobre a revisão nas histórias em quadrinhos. Para ouvir essa conversa acessar: <https://open.spotify.com/episode/3EF5MyAwEUwFx2TnvTm6CP?si=OvXdFjbdRd-5YsmLrl4Hlw>.

Referências

COSTA, Jefferson. *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005.

LIMA, Nísia Trindade; VIEIRA, Tamara Rangel. Pensar os sertões, pensar o Brasil. *Revista Coletiva*, v. 6, p. 1-1, 2011. Disponível em: <http://coletiva.labjor.unicamp.br/index.php/artigo/pensar-os-sertoes-pensar-o-brasil/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MEDEIROS, Mário. Preservar a memória negra e lutar contra a dupla morte. *Nexo Jornal*, São Paulo, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opinia0/2020/Preservar-a-mem0ria-negra-e-lutar-contr-a-dupla-morte>. Acesso em: 29 jan. 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: _____. (org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008. P. 29-54.

SARLO, Beatriz. Pós-memória, reconstituições. In: _____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Cia das Letras, 2007. P. 90-113.

Recebido em 1º de fevereiro de 2022.

Aprovado em 31 de março de 2022.